

Os Exílios do Homem

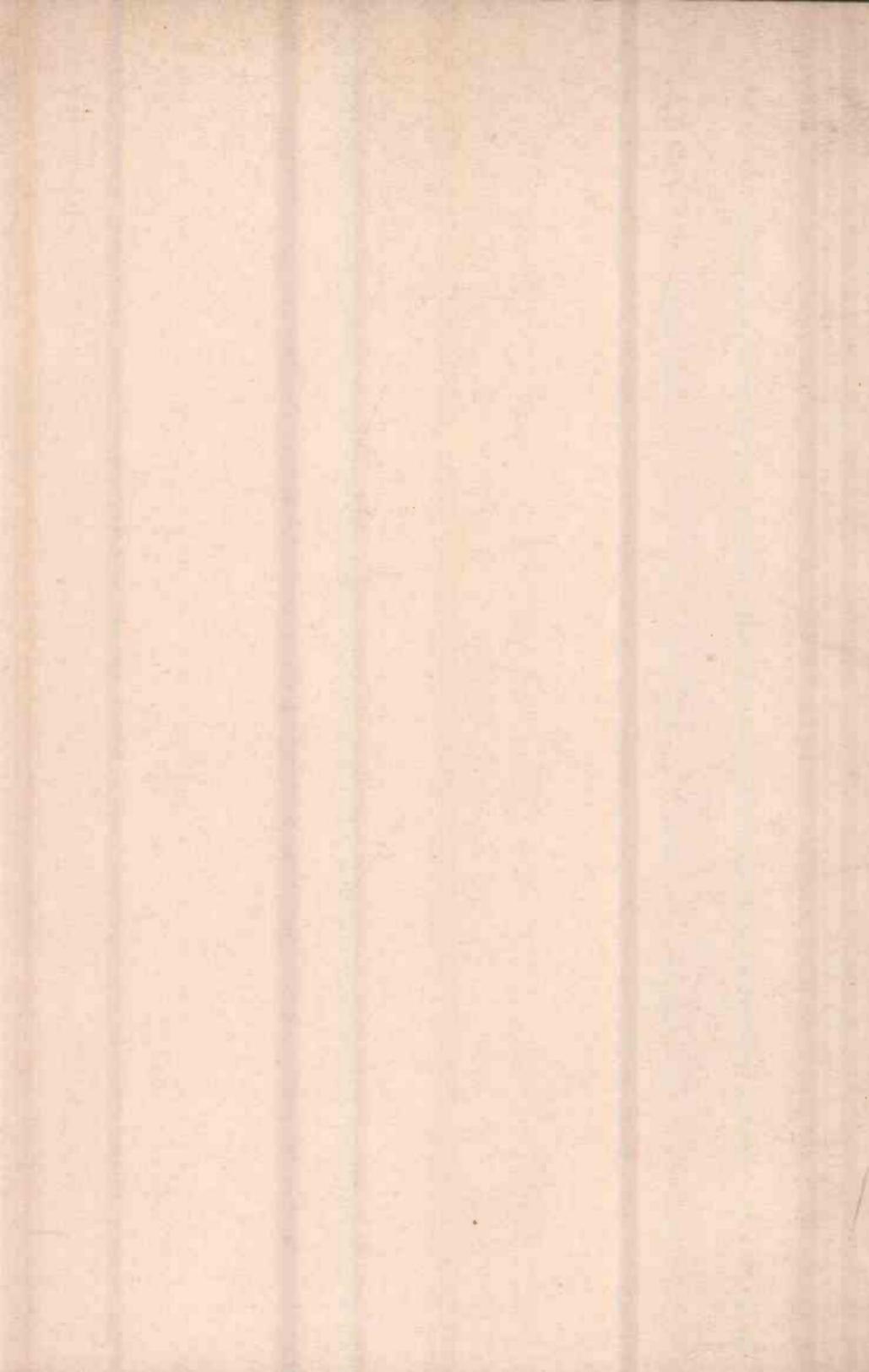
FRANCISCO CARVALHO

A poesia de Francisco Carvalho parece-me que ainda não foi submetida a uma análise dos valores que colocasse em evidência as forças atuantes no interior de sua língua poética. Seu universo poético é um universo literário por excelência, pelo menos para quem não aceita a separação entre expressão literária e expressão poética. Os poemas de Francisco Carvalho possuem aquela unidade descontínua própria da lírica. Seu ritmo oracular é perfeito, como neste belo *Estudo da Alma*: "Te carrego nas entranhas / como um cão uivando. / Um cão dilacerando / a memória. // Te carrego nas entranhas / como se levasse uma / labareda de relâmpago / se esvaindo. // Te carrego nas entranhas / como se tivesse medo / aos olhos de areia / da eternidade".

O que vemos neste poema é uma série sucessiva de imagens. Imagens quase metáforas. Metáforas típicas de um poema da modernidade. Em Francisco Carvalho as metáforas do genitivo são freqüentes e o situam entre um

dos melhores criadores de imagens da poesia brasileira ao lado de Murilo Mendes e mais uns poucos: "dourado coração da urso"; "um vento de andorinhas"; "a solidão branca da asa delta"; "o relâmpago acende a candeia dos mortos"; "a coruja ponteia mortalhas de seda"; "o céu flutua nas águas do pântano"; "meus olhos foram desterrados nas praias da insônia"; "ceifo o trigo da cólera"; "os pardais brincam de ciranda / enquanto a tarde sangra". São apenas alguns exemplos de metáforas que já nada têm de semelhante às velhas metáforas, quando se buscava o conceito da imagem.

César Leal



Um caro amigo
Rosta Neto Mes-
sias, as homene-
jas de

Stênio
17/04/57





Os Exílios do Homem

FRANCISCO CARVALHO



Livros do Autor

- Cristal da Memória / 1955
Canção Atrás da Esfinge / 1956
Do Girassol e da Nuvem / 1960
O Tempo e os Amantes / 1966
Dimensão das Coisas / 1967
Memorial de Orfeu / 1969
Os Mortos Azuis / 1971
Pastoral dos Dias Maduros / 1977
As Verdes Léguas / 1979
Rosa dos Eventos / 1982
Quadrante Solar (Prêmio Nestlé) 1983
As Visões do Corpo / 1984
Barca dos Sentidos / 1989
Rosa Geométrica / 1990
Exercícios de Literatura / 1990
O Tecedor e sua Trama / 1992
Crônica das Raízes / 1992
Flauta de Barro / 1993
Galope de Pégaso / 1994
Sonata dos Punhais / 1994
Artefatos de Areia / 1995
Textos & Contextos / 1995
Rosa dos Minutos / 1996



Para Ana Vladia Mourão
Aires, a gratidão e as
homenagens do autor.



PRIMEIRA PARTE

1

enquanto o mar
semeia vestígios
de argonautas
na areia
a sombra do profeta
vai de regresso
ao ventre da baleia.

2

a luz gorjeia
no zênite

pássaro fulminado
em pleno vôo

a luz despenca
do ápice do dia.

3

recordo a sala
os comensais estão mortos

recordo os espelhos
seduzidos pela nudez

recordo as fotografias
dilaceradas pelo mito

recordo o vento
desenhando nádegas barrocas

recordo palavras
brotando do húmus de tua boca

recordo as estacas da fazenda
e o rúmen das vacas.

4

a pedra é o pórtico
do mito

mesa para o ágape
da insônia

cálice para o vinho
da chuva

harpa para
as rapsódias do vento

gume para
os sussurros da parábola

ravina para
os rebanhos do espanto

liturgia para
os réquiens do adeus.

5

estamos à margem
de um rio

somos a nascente
do rio e sua foz

somos a fome
e a sede do rio

o relevo dos afogados
na areia

os bichos que bebem
a medula do rio

os mortos acorrentados
às raízes do rio

os rastros do vento
na pele do rio

o sangue dos avós
nas veias do rio.

6

a pedra
vê o homem

o homem
semeia a pedra

a pedra
cavalga o tempo

o tempo
sucumbe à pedra.

7

onde estou
me embriago de ti

onde estou
lascas de cedro em tuas chamas

onde estou
teus olhos clareiam o náufrago

onde estou
tua boca me sabe a ópio

onde estou
me abres as portas do paraíso.

8

agora penso
no teu corpo
que recende a erva

agora viajo
para a ilha e os deltas
do orgasmo

agora regresso
a Ítaca e aos remos
de tua nau

agora recolho
as velas e os sonhos
do teu redil

agora sou o gnomo
que fecunda as entranhas
dos teus lençóis

agora me busco
na tua concha
de molusco.

9

hora da ceia
o vento afaga a candeia

hora do parto
e do seio farto

hora de intrigas
à sombra das vigas

hora do coito
a lascívia e o biscoito

hora do escárnio
brinda-se à carne

hora dos sinos
calam-se os caninos

hora de engolir
os pregos do faquir

hora da janta
um clamor mais alto se alevanta.

10

cada qual
amamenta o seu punhal

cada qual
sonha com seu pedestal

cada qual
trapaceia o seu igual

cada qual
borda o amor com seu dedal

cada qual
pelo bem ou pelo mal

cada qual
recende a Portugal

cada qual
pensa que é de cristal

cada qual
põe o sexo no varal

cada qual
tem as marcas do chacal

cada qual
é o orgasmo da espiral

cada qual
foi guerreiro do Santo Graal.

11

casa de vento
porta de areia

casa de pedra
porta de água

casa de barro
vigas de orvalho

casa de pobre
teto de nuvem

casa de taipa
tristeza não falta

casa de palha
odor de mortalha.

12

as palavras
rebanho de metáforas

e de insônias
pastam

reminiscências da infância
nos prados da língua.

13

à mesa rumina-se
a vitela e o ostracismo
à mesa reparte-se
o mito e suas vértebras
à mesa imola-se
o corpo do vinho
à mesa decide-se
o exílio do fantasma
à mesa dilapida-se
ouro e prata do espólio
à mesa briga-se
pela herança do morto
à mesa troca-se
a fazenda pela vianda
à mesa rega-se com intrigas
a horta do paladar
à mesa brinda-se
à madrugada do holocausto
à mesa cospe-se
no mármore da tumba
à mesa comemora-se
o pacto de sangue.

14

não me pergunes nada
morro à míngua de palavras

não me fales de amor
ardo às chamas dessa utopia

não me tragas notícias
dos sonhos que naufragaram

não me digas que o vento
partiu as velas dos barcos

digas que estou de regresso
aos prados de tua nudez.

15

teu corpo é a memória
de um rio

meus desejos
argonautas singram a tua pele

a cada momento
regresso aos teus umbrais

tua boca me oferta
a polpa das parábolas

um deus erecto
semeia vinhas em tua nuca

perto de ti
sósia de pastoras

sou como a nau
que docemente ancora.

16

a paisagem é o que resta da nuvem
dilacerada em pleno vôo

a paisagem é o grito que incendeia
a metamorfose das cigarras

a paisagem é a cavalgada das éguas
para a volúpia dos centauros

a paisagem é um rebanho de cabritos
ruminando as tetas dos rios

a paisagem é o clamor das aves de rapina
pousadas na confluência dos estios

a paisagem é o sangue derramado
das cicatrizes do dia

a paisagem é o vento perfumado
pelo hálito dos bois.

17

escuto o gotejar
dos minutos
na taça do tempo

escuto o esvoaçar
dos minutos
na areia da clepsidra

escuto a liturgia
dos minutos
nas harpas da água

escuto o jorro
dos minutos
sangue da pêndula.

18

certas coisas nos seduzem
com seu viço

certas coisas nos golpeiam
com seu brilho

certas coisas nos deglutem
sob a relva

certas coisas nos dilaceram
com seus dardos

certas coisas têm o olho maior
que o paladar

certas coisas nos visitam
desde a origem

certas coisas nos perguntam
pelo endríago

certas coisas têm belas pernas
mas não são eternas.

19

solidão da terra
coroadada de luz

o jorro do meio-dia
golpeia as pedras

as retinas cegas dos bichos
farejam sombras

o vento é um demônio
expulso pelo látego de Deus

as árvores são espectros
de homens que morreram

cabras disputam a derradeira
pérola das cacimbas.

20

à noite o mistério
tem a solidez de uma pilastra

à noite a nau dos amantes
singra as marés dos lençóis

à noite os rios da lascívia
deságuam em nossa cama

à noite somos um rio
cardume de peixes velozes

à noite regressamos a Ítaca
e aos mares de Ulisses

à noite voltamos a ser
jogral de todos os mitos.

21

meio-dia
as pedras ruminam
sua ração de chamas

aves de rapina
desenham parábolas
de sangue no céu

meio-dia
pássaros descansam
à sombra do vôo.

22

guarda-te da porta aberta
por ela chega a esfinge
de pálpebras de treva

guarda-te do quarto escuro
ali o morto devaneia
à luz do ostracismo

guarda-te da noite
onde a chama que brilha
é a fúria da matilha.

23

o amor não basta
para tua fome de êxtase
não basta para
a tua sede de Tântalo
não basta para
as núpcias do instinto
não basta para
as escaladas da vertigem
não basta para
os noivados da solidão
não basta para
florir nos pântanos do corpo
não basta para
expulsar do homem
os demônios de Sísifo.

24

vou ao encontro
do amor, como
se fosse para uma ilha

uma ilha deserta
onde só se ouvisse
o salmo das marés

uma ilha guardada
pelos deuses da ágora
e a revoada das gaiotas

uma ilha pousada
nos prados de Ítaca
e nos olhos de Ulisses.

25

uma coisa é ser o filho do rei
outra coisa o bobo da corte

uma coisa é ser o dono do arco
outra coisa o alvo da flecha

uma coisa é ser o olho da águia
outra coisa o cisco no olho

uma coisa é ser o touro do zodíaco
outra coisa a estocada do touro

uma coisa é expulsar o porco do espírito
outra coisa o espírito de porco.

26

o inverno, ancião
frioento
chega de longe

os pés feridos
nas lâminas dos córregos
recendem a húmus

o inverno despe
sua túnica gotejante
de murmúrios

entra nos quartos
das moças e dorme
com elas sob os lençóis.

27

a chuva é um pássaro
de asas molhadas

um velho pássaro
que nos visita

à hora da ceia
ou da despedida

um pássaro de linho
que nos acalenta

e nos traz de volta
a infância e a polenta.

28

sabemos que nada
nos diz respeito

que a terra e o céu
não nos pertencem

que somos mendigos
ficções vertebradas

que tudo nos magoa
(o espinho e a carícia)

sabemos que um dia
seremos arrebatados

pelas garras do abutre
ou da nossa penúria.

29

o zumbido da estrela
as orquídeas do vento

a rosa que incendeia
a penumbra dos terraços

a luz que atravessa
o corpo da água

o fulgor do galope
das éguas na paisagem

as sombras dos homens
que não ouvem nem falam

dos homens que perderam
o bonde e a esperança

dos homens que não voltam
às praias do orgasmo:

tudo faz parte
do sonho de todos.

30

à noite todas as coisas
vergam o seu caule

à noite os retratos
descem das paredes

à noite as paredes
começam a ruir

ao peso dos retratos
e de seus remorsos

a noite se enche
da lamúria das vigas

à noite os lençóis
sussurram palavras

de amor, que só
os namorados entendem.

31

um dia descobres
que não foste notado

que os teus versos
foram arrancados do livro

que os teus sapatos e
tuas idéias já não brilham

que ninguém te convida
para o baile

que o teu lugar no
banquete foi cancelado

um dia descobres que és
um estranho dentro de casa.

32

as pedras são
súplicas caladas

a um deus mutilado
pelo homem

o vértice do espanto
e da vertigem

o último degrau
da escada do paraíso

reminiscências
de um papiro
escrito com sangue.

33

todos os caminhos começam
e acabam na infância

todos os caminhos
recendem a adeuses

todos os caminhos
são exílios da memória

todos os caminhos
nos levam para dentro

todos os caminhos partem
mas não sabem se voltam.

34

a casa é o rosto
e a memória do pai

cada tijolo
tem gosto de exílio

cada viga é uma ponte
para a solidão

cada telha um alaúde
para a chuva

cada janela um gorjeio
para o vento

cada esteio uma pilastra
da eternidade.

35

voltei ao lugar
do segredo
e da mesa de cedro

voltei ao lugar
da memória
e da palmatória

voltei ao lugar
das palavras
ditas em surdina

ao lugar do sussurro
e da nódoa de sangue
no lençol de linho.

36

todos somos estranhos
dentro de casa

ninguém te pergunta
pelo nome do avô

ninguém quer saber
se ficas ou se vais

se falas ou se calas
se partes ou se ficas

se ficas acordado
ou se dormes para sempre.

37

as ruas estão repletas
de profetas
mas ninguém adivinha
o preço do arroz
e da farinha.

as ruas estão repletas
de picaretas e de estetas
mas ninguém se aproxima
para nos dar as cascas
de nozes de uma rima.

as ruas estão repletas
de poetas
mas ninguém diz que pode
repartir com o pobre
o trigo e o centeio de uma ode.

38

a chuva cai
gota a gota
igual ao vinho
em tua boca

a chuva cai
com tal modorra
até que o vento
até que eu morra

a chuva cai
tão devagar
que se tem vontade
de chorar.

39

a chuva é uma viúva
com seu manto negro
a que o vento uiva

a chuva é essa monja
vestida de roxo
que volta de longe

a chuva é uma esfinge
que finge o que diz
mas não diz o que finge.

40

um anjo torto
segue os nossos passos
remove a lama
dos nossos sapatos.

um anjo torto
fora da lei
fala de um reino
onde ele é rei.

um anjo torto
chega de improviso
dos sete degraus
do paraíso.

um anjo torto
recolhe a única
rosa espetada
em nossa túnica.

41

tudo pode raiar
 a alvorada da busca
tudo pode acender
 o pavio da lenda
tudo pode assustar
 o pássaro da nudez
tudo pode florir
 ao toque de quem ama
tudo pode ressoar
 ao barro de nossas mãos
tudo pode brotar
 do húmus da ausência
tudo pode arder
 às chamas do adeus.

42

onde o teu corpo se move
súbita claridade

onde os teus pés devaneiam
cachos de espigas

onde os teus olhos viajam
águias dardejam no céu

onde os teus seios pendoam
lavouras de centeio

onde semeias tua voz
ardem os campos de Booz.

43

toda fala é uma ceifa
toda ceifa é uma dádiva
toda dádiva é um fanal
todo fanal clareia um pórtico
todo pórtico espera a vinda dum hóspede
todo hóspede semeia o odor da noite
toda noite é regresso à casa da aurora
toda aurora é convite ou promessa
toda promessa um indício de eternidade.

44

toda nudez será
decapitada pelos espelhos

toda nudez será
consumida pelas chamas

toda nudez será
visitada pelo endríago

toda nudez será
ressuscitada pelos rios

toda nudez será
embalsamada pelo faraó

toda nudez será
seduzida pelos anjos.

45

estás na pedra
e em sua voz
estás na loba
e no seu cio
estás no tigre
e no seu fâro
estás no vento
e no odor da erva
estás no barco
e em sua bússola
estás no pássaro
e em seu vôo
estás no abismo
e onde estou.

46

não sou adivinho
nada sei do tempo e do seu linho

nada sei das ágoras
nem do Teorema de Pitágoras

nada sei do esqueleto
ou das vértebras do soneto

nada sei do filho pródigo
que se extraviou no caminho

nada sei da morte
nem quando beberei do seu vinho.

47

as coisas são sombras
dos nossos sentidos
às vezes imitam
os nossos balidos.

as coisas mastigam
os restos da ceia
às vezes se evaporam
à luz da candeia.

as coisas florescem
no húmus dos caibros
às vezes despencam
de seus candelabros.

as coisas nos fitam
com seus olhos tortos
às vezes gesticulam
e falam com os mortos.

48

é certo que passamos
a vida urdindo
tramas e engodos
e fingindo ignorar
que o Deus de cada um
é o Deus de todos.

49

vejo a tarde cair
mas a tarde não cai
de forma igual para todos

cai sobre o touro erguido
sobre as crinas do mar
e os deltas do Nilo

vejo a tarde cair
rente a essas naus
que vão para Ofir.

50

a areia das horas
cai gota a gota
na taça da clepsidra

o tempo rasteja
em nossa pele: somos
vassalos da morte

os mortos adormecem
à sombra da árvore
ou do mármore

o corpo evapora-se
linho de que se despe
a nudez da alma.

51

somos a má temática
a borra quântica
cio da ciática
ossário da semântica

somos o fel da gralha
e do seu cântico
poeira de Sodoma
purgatório quântico

somos a deradeira
vértebra do lagarto
a vertigem do arco

a maré orgânica
o fruto corruptível
da árvore da semântica.

52

a quem navega
resta o naufrágio
nos olhos da treva

a quem dispara
o arco, resta o espanto
do pássaro

a quem se nega ao coito
resta o sarcasmo
da cama e o biscoito

a quem vai e não
volta, resta a carícia
da solidão.

53

tudo é memória que se apaga
tudo é cumeeira que desaba

tudo é fantasia que transborda
ardil que não desata o nó da corda

tudo é caminho para o umbral da noite
tudo se converte em briga de foice

tudo é volúpia do corpo do vinho
cinza do morto entre as dobras do linho.

54

palavras são parábolas
ramagem fugidia
da árvore ilusória
da nossa fantasia.

palavras são vestígios
da memória e seu caule
aquilo que transborda
dos gorjeios da alma.

palavras são fragmentos
de estrelas suicidas
matéria incandescente
de chamas sucessivas.

palavras são fagulhas
da labareda insone
que põe a sua larva
no coração do homem.

55

Uma asa corta o ar
(seu gume de safira)
uma asa vem do ermo
e às vezes nos visita.

uma asa sai do rumo
e ancora no seu ramo
uma asa nos espera
pousada em seu arcano.

uma asa parte o dia
com seu gume de foice
uma asa anda a galope
no vento mais afoito.

uma asa de albatroz
flutua sobre as ondas
uma asa de cavalo
ronda o país das sombras.

56

ursa de pelúcia
a menor das ursas

ursa dos raios alfa
a chama convulsa

ursa da Rússia
a chama expulsa

ursa de camurça
a beleza que pulsa

ursa, medusa
da noite avulsa.

alma da pedra
alma do vento
alma da alba

alma da árvore
alma do estio
alma do rio

alma do ar
alma da terra
alma do mar

alma da água
alma do fogo
alma da fúria

alma do pássaro
alma do potro
alma do outro

alma do inverno
alma do homem
no fogo eterno.

a pátria é o lugar
de onde não veio
nem mel nem argila
para o molde do seio.

a pátria é o lugar
de onde não veio
a chama que acende
o odor do centeio.

a pátria é o lugar
de onde não veio
senão a morfina
do teu devaneio.

a pátria é o lugar
de onde me veio
este ceticismo
de metro e meio.

59

o vento que vai
a nuvem que volta
a estrela que pulsa
a chama que exala

a onda que sobe
o mar que se agita
o homem que parte
o barco que fica

o rio que corre
a ave que voa
o peixe que salta
por cima da proa

tudo que se move
entre o céu e o vórtice
faz parte do ritmo
da vida e da morte.

60

os anos
reduzem teus planos
e aumentam teus danos

os anos
esses gnomos
ignoram quem somos

os anos
caules soberanos
sacodem seus ramos

os anos
carregam os humanos
para os meridianos

os anos
afastam tus hermanos
de los tiranos

os anos
engordam teus arcanos
e teus bichanos.

61

a porta que repousa
no cântico dos gonzos
a rosa que alça vôo
num bosque de pilastras
o verbo que semeia
parábolas na língua
a penumbra que afaga
os mendigos no pórtico
a morte que desenha
presságios nas paredes
as formas da nudez
à espera dos espelhos
os dias que incendeiam
as copas das arcadas
os gestos que sustentam
colunas demolidas
os redutos do amor
e seu reino de chamas:
todas essas coisas
são exílios do homem.

os pobres existem
para nos lembrar
que somos cúmplices

os pobres existem
para semear o fogo
de sua parábola

os pobres existem
para lavar com sangue
os ossos dos mártires

os pobres existem
para provar do fel
de todas as lágrimas

os pobres existem
para nos vingar
do silêncio de Deus.

63

algum dia ouvirás
da boca de um cético
palavras resignadas

algum dia passarás
pelo umbral onde se
bifurcam todos os caminhos

algum dia saberás
que o tempo é uma árvore
despida de folhas

que os dias arderão
mais as cinzas dos deuses
numa fogueira atômica.

64

os déspotas abominam
o odor das multidões

os déspotas tropeçam
nos degraus do patíbulo

a palavra do déspota
é uma espada de vidro

as retinas do déspota
são orquídias de sangue

os déspotas engordam
as hienas do hábito

os déspotas irrigam
as pastagens do óbito.

SEGUNDA PARTE

MINIATURAS

O vento balança
as folhas e os frutos
da árvore na faiança.

O rumor da senzala
assusta os retratos
nas paredes da sala.

Senhor das léguas
o cavalo incendeia
as garupas das éguas.

Dos caibros tortos
despenca a memória
azulada dos mortos.

Marés de sargaços
sacodem seus ramos
de búzios nos terraços.

II

Gaiivotas, aos feixes.
As ondas parecem
romarias de peixes.

Juro que ela não mostra
a pérola escondida
nas pálpebras da ostra.

O amor é o que não vês.
Chama que se enrosca
no caule da nudez.

Tu me cegas, me desvairas
ao sol dos teus joelhos
ó princesa das hetairas.

Tua nudez e seus gomos
o vinho do teu pomar
habitado por gnomos.

III

A noite escorrega
do abismo. Só o rumor
da mortalha da treva.

Na tarde épica
pardais tocam Mozart
numa guitarra elétrica.

Com seus gestos antigos
rastejam entre os gatos
as sombras dos mendigos.

Conduz o teu destino
como se levasses
a infância de um menino.

O tempo é teu invento
teu brinquedo de argila
em perpétuo movimento.

IV

Não basta ser sarcástico.
A alma não resiste
a este sonho de plástico.

A sede e a fome
são dois punhais
com a marca do nosso nome.

As sombras dos borregos
são novelos de lã
aos olhos dos morcegos.

O rumor dos estios
cai de repente
das barreiras dos rios.

Teu bosque de penugem
ora é jorro de alba
ora é floco de nuvem.

V

O inverno abre as asas
de pássaro noturno
sobre as telhas das casas.

Tenso como um arco
o silêncio é uma fresta
de luz dentro do quarto.

A morte é tão certa
como um jorro de vento
numa porta aberta.

As gordas oitílicas
sentadas na paisagem
são esfinges pacíficas.

À sombra das ágoras
dardejam teoremas
no crânio de Pitágoras.

VI

És uma potra árdega.
As éguas dos faraós
invejam as tuas nádegas.

Ó homens ilustres
sois mais vorazes
que a raça dos abutres.

Sois iguais às hienas
que devoram as sobras
de todas as gangrenas.

O gato faz uma foice
quando salta no escuro
para engolir a noite.

O dito pelo não dito.
Brinda aos ossos da vida
e às vísceras do mito.

VII

Navio andejo
tu ancoras na lua
ou nas águas do Tejo?

Velas abertas
rumo a províncias
não descobertas.

A lua é essa nau
de espanto singrando
os sonhos de Nassau.

Noite de vigia.
Os passos do invasor
nas pedras da Mouraria.

Ardei, noites de Alfama.
No cais vagueia a alma
de Vasco da Gama.

VIII

O Tejo inteiro
assoma à janela
de Alberto Caeiro.

Estrelas meninas
fazem serenatas
aos olhos das varinas.

O sol de prata e ouro
se mistura aos vestígios
do orgasmo do touro.

A noite felina
esconde as estrelas
dentro da retina.

A corja dos pardais
vaia as estátuas
dos marechais.

IX

Camões ainda ressoa
por toda a Lisboa
de Fernando Pessoa.

Começa a romaria
da noite. Regimento
de infantaria.

Chegadas das odes
do grego, cabras farejam
a volúpia dos bodes.

Sonolentas vacas
ruminam o crepúsculo
à sombra das estacas.

A vida te deslumbra?
Um passo adiante
tropeças na tumba.

X

As sombras dos velhos
procuram a infância
dentro dos espelhos.

O rumor que sai
do poema: orquídea
nas chamas do haikai.

Em tardes esparsas
o mistério incendeia
o noivado das garças.

Os pertos e os longes
são sendas de fogo
aos olhos dos monges.

O dito pelo não dito.
O pensamento breve
e o tempo infinito.

IMPRESSÃO
ZAS GRÁFICA E EDITORA LTDA
RUA SANTO ANTÔNIO, 437 - CENTRO - JUIZ DE FORA - MG
(032) 215-8862

EDITORAÇÃO
ONLINE EDITORAÇÕES LTDA
(032) 215-8152

